

A IMPRENSA OPERÁRIA ANARQUISTA: GÊNERO, LEITURA E SENTIDO

Abstract

The aim of this essay is to analyse in which way the diversity of genres, supporting the anarchist discourse, allows the drawing of different social and ideological places from where the discourse was generated as well as to whom it is addressed.

Palavras-chave: *Análise do Discurso, gênero, discurso anarquista.*

Introdução

A construção do percurso de reivindicação e conquista de alguns direitos trabalhistas, no início do século, deu-se por meio da produção de textos panfletários, contos produzidos pelos proletários e textos literários, expondo, no meio de circulação, o interdiscurso de exploração dos trabalhadores e do privilégio da burguesia. Pretendemos avaliar, nesta comunicação, como a variedade de gêneros, que sustentaram o discurso anarquista, permite o delineamento dos diferentes lugares sociais e ideológicos de onde parte o discurso, bem como para quem é endereçado.

Para sustentar nossa avaliação, consideramos que a tipologia vincula-se às coerções tipológicas, que articulam no texto o como dizer ao conjunto de fatores do ritual enunciativo. Fatores como o meio de circulação do texto, o ato de fala que este pretende, a reação que o texto provoca no enunciatário, o lugar e o tempo em que se instala o enunciatário, mostram-nos que as condições de produção e a enunciação são relevantes na determinação do gênero.

1 Fundamentação Teórica

A consideração feita já em 1930 por Bakhtin (1986: 44) de que “o discurso citado é o discurso no discurso, a enunciação na enunciação, mas é, ao mesmo tempo, um discurso sobre o discurso, uma enunciação sobre a enunciação” indica-nos um caminho de reflexão. Os estudos de Bakhtin a respeito da alteridade, do dialogismo como princípio consti-

tutivo da linguagem, da enunciação e das relações entre linguagem e ideologia gestaram os estudos atuais sobre a heterogeneidade do discurso.

Os trabalhos de Bakhtin, fundamentados nas teorias marxistas, conferem valor à alteridade constitutiva da linguagem, seja ela representada na relação dialógica presente no interior do discurso, seja na relação intertextual existente entre os discursos.

Ao apresentar o caráter dialógico do discurso e, portanto, a relação de sentidos entre os diversos enunciados que distribuem várias vozes no discurso, Bakhtin (1992) considera que um texto vive sempre em contato com outro texto e, nesse processo de articulação, os textos constroem (ou são) a História.

Buscamos em nosso estudo apreender a construção desta História que se dá por meio dos textos produzidos no início do século (1900 a 1930), caracterizados por gêneros variados, modos diferentes de circulação, partindo de enunciatários que falam de lugares sociais diferentes.

Para sustentar nossa discussão resgatamos ainda algumas reflexões de Bakhtin sobre gênero. Para o autor a linguagem caracteriza-se pela presença de gêneros diferentes:

“Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora seus tipos relativamente estáveis de enunciados, sendo isso que denominamos gênero do discurso” (Bakhtin, 1992: 279)

Entretanto para o autor a linguagem acompanha todas as atividades humanas, o que indica que é possível haver tantos gêneros de discurso quantas atividades humanas. A noção de gênero em Bakhtin, 1992 e em outros pontos de seus estudos abrem perspectivas para a análise das relações entre a expressão da individualidade e as pressões sociais que a determinam. Assim, considera-se que o enunciatário, imerso em uma sociedade, possui um projeto discursivo e os gêneros do discurso apresentam recursos para a expressão.

São, portanto, os conceitos de dialogismo e de gênero desenvolvidos por Bakhtin que sustentam nossa análise. Porém, se concordamos com Bakhtin

que a lista de gêneros, nesta perspectiva, é indeterminada, torna-se nossa tarefa considerar as coerções genéricas que determinam a enunciação.

2 Os gêneros que sustentaram a circulação do interdiscurso de reivindicação de direitos trabalhistas

São diversas as produções textuais que se dedicaram a retratar a vida e a luta dos operários do início do século. Observam-se textos de gêneros diversos, nos quais se reconhecem vozes provenientes de diferentes lugares sociais. Para avaliarmos a variedade de gêneros que sustentaram o discurso de reivindicação dos direitos trabalhistas cabe destacar a reivindicação que se dá por meio de romances e pela imprensa operária. Os romances *Triste fim de Policarpo Quaresma*, *A Escada e Parque Industrial* são todos considerados pertencentes ao gênero romanesco, porém, possuem em sua gênese características diferentes.

O romance *Triste Fim de Policarpo Quaresma* de Lima Barreto foi publicado inicialmente em folhetins do *Jornal do Comércio* do Rio de Janeiro, entre 11 de agosto e 19 de outubro de 1911 e apenas cinco anos depois foi editado em brochura simples. O autor expõe seu engajamento como escritor popular e agrada a crítica, o que é um alento para que ele continue produzindo textos com o fim de conscientizar o trabalhador a respeito dos ideais anarquistas. Na condição de intelectual da classe média, Lima Barreto não perde de vista o povo como força política com o qual deseja se aliar. A divulgação folheteira lhe oferece as condições necessárias para atingir o enunciatário que pretende. A modificação do meio de circulação do romance, de folhetim para brochura, aproxima o romance do reconhecimento literário.

O romance *A Escada*, escrito por Oswald de Andrade entre 1917 e 1921, foi publicado em um único volume com os romances *Alma* e *A Estrela de Absinto* com o título genérico de *Os condenados*. A crítica recebeu a trilogia com observações diversas, mas expressando uma única voz em relação à inovação, ao rompimento com as regras vigentes.

Oswald de Andrade explora os recursos da norma lingüística culta na construção de um novo momento literário - o modernismo- e com esses recursos expõe a ideologia que defende. Não tem como enunciatário o trabalhador, na verdade apenas retrata-o. Seu enunciatário são os intelectuais de seu meio, os quais procura sensibilizar por meio de construções sintáticas elaboradas, que se misturam com expressões características do jornalismo panfletário. Observa-se no romance que o enunciador não dá voz aos representantes populares, apenas harmoniza as vozes sociais.

Patrícia Galvão, sob o pseudônimo de Mara Lobo, em *Parque Industrial*, publicado em 1933, estampa a linguagem das ruas. Tratado como um romance proletário, distancia-se do romance regio-

nalista daquela época. Há no romance uma preocupação depoimental que denuncia de forma realista a desigualdade das classes no sistema capitalista. As construções sintáticas são extremamente simples e a informação é sempre dada da forma mais direta possível. O enunciatário é o trabalhador que o enunciador pretende sensibilizar para a luta da classe operária e a sociedade paulista. Para João Ribeiro, crítico literário:

“O romance de Mara Lobo é um panfleto admirável de observações e de probabilidades... uma série de quadros pitorescos e maravilhosos desenhados com grande realismo... o livro terá inúmeros leitores, pela coruscante beleza dos seus quadros vivos de dissolução e morte”.

“Qualquer que seja o exagero literário desse romance antiburguês, a verdade ressalta involuntariamente dessas páginas veementes e tristes.” (Prefácio à edição de Parque Industrial, publicado pela editora Alternativa)

Pagu, em seu romance, demonstra preocupação com a estética literária, sendo a linguagem de característica panfletária o traço de destaque da obra. Podemos observar a construção fragmentada das descrições, divididas em frases curtas, truncadas. A voz, quando delegada às personagens, caracteriza a linguagem cotidiana da classe operária.

Os contos publicados na imprensa operária anarquista surgem como textos panfletários. Foram publicados em jornais de classe de circulação entre os operários e produzido pelos operários. Hoje compilados em uma *Antologia da prosa libertária no Brasil (1901-1935)* são lidos como contos literários. O uso recorrente da forma fabular indica que a construção do texto privilegia a tipologia de conhecimento popular que em si abriga um ensinamento. É preciso considerar que para o escritor libertário o valor da obra está na capacidade de expor a experiência coletiva e não na elaboração estética. Para os anarquistas, o impulso criador vale mais que a obra, sendo mais expressivas aquelas de autor desconhecido, pois a estas atribui-se a autoria do ‘espírito popular’ ou ‘alma coletiva’. Por isso, muitos contos são apresentados como de ‘autor anônimo’.

Avaliando os romances citados, observamos que embora todos sejam, no senso comum, fundados no gênero romanesco apresentam características diversas, delineadas pelos diferentes lugares sociais e ideológicos de onde parte o discurso, bem como para quem é endereçado. Já os contos anarquistas publicados na imprensa operária que, na gênese, foram produzidos como panfletários, hoje destinados a outros leitores recebem o reconhecimento de contos literários.

3 As leituras e os sentidos que se cristalizaram para a História

Embora os três romances citados tenham sido escritos nas primeiras décadas do século e coloquem

em circulação o interdiscurso de exploração dos trabalhadores e do privilégio da burguesia, eles estão vinculados a formações ideológicas distintas: anarquistas e marxistas.

A relação de interlocução é, pois, diferente nos textos 'literários' que trazem o sistema de crenças marxistas, - como ocorre nos textos de Oswald de Andrade e Patrícia Galvão - e textos do ideário anarquista. O enunciador de *A Escada* fala para os seus pares - escritores e críticos literários - sobre suas novas convicções ideológicas. O enunciador do conto anarquista fala para o seu enunciatário, colocando-se no mesmo lugar que ele; desenha no enunciatário a característica de sua própria figura. A linguagem diretiva que o enunciador utiliza no romance *Parque Industrial* tem o intuito de incitar o enunciatário, de fazê-lo refletir sobre a própria condição. O cuidado com o emprego adequado da norma lingüística culta em *Triste Fim de Policarpo Quaresma* é o meio argumentativo de dar voz aos explorados (dominados) diante de um enunciatário que mede o valor estético de uma obra para conferir a ela valor de verdade.

Esses diferentes sistemas de interlocução constróem efeitos de aproximação e de distanciamento. Assim, o enunciador do texto anarquista quer fazer parecer que há uma aproximação entre enunciador e enunciatário do discurso; colocados em perfeita simetria, cria-se entre eles uma relação de cumplicidade que elide, ou parece elidir, a figura do 'autor'. A fala é a do 'homem comum'. Já nos textos do ideário marxista, o 'autor' como a voz que organiza o discurso, fala do lugar da legitimação da autoria.

Na maioria dos textos panfletários, que tematizam a causa da luta operária do início do século, observamos que o enunciador recorre ao uso de implícitos para falar por antífrases, para ironizar ou até mesmo escapar da censura ou pressão da classe dominante. A publicação de um conto anarquista nomeado "*Um conto que parece uma verdade*" que, ironicamente, denuncia uma verdade, é um bom exemplo do uso de implícitos como um mecanismo de argumentação que se cria entre enunciador e enunciatário. O título do romance *A Escada* representa um processo de implicação e explicitação da adesão do enunciador ao ideal comunista. O romance foi nomeado primeiramente como *A Escada de Jacó*, posteriormente como *A Escada*. Em 1934, o romance é apresentado como *A Escada Vermelha*; em 1941 o autor retira o qualificativo da edição anterior. É preciso aqui ressaltar que não é nosso propósito discutir o complexo conceito de 'autor', mas tão somente ressaltar que essa voz fantasmática é onipresente nos textos e ocupa ou cria lugares de fala diferentes. Por isso, no texto literário a noção de 'autor', como aquele

que possui 'autoridade' sobre o texto, permite a intromissão do escritor na obra, como ocorreu com o romance de Oswald de Andrade. Já nos textos de característica doutrinária, como os contos anarquistas, a noção de 'autor' é intencionalmente dispersa, pois o autor não expressa a individualidade, mas a voz coletiva que representa. Já o romance de Patrícia Galvão, caracterizador de uma forma heterogênea em que o discurso literário é atravessado pelo político, instala um 'autor' que se preocupa em apresentar a literatura sob a concepção de que a arte deve servir para despertar a consciência.

4 Considerações Finais

A avaliação dos romances e contos anarquistas revelam-nos que as diversidades existentes entre eles são evidentes e não podem ser atribuídas apenas à questão de gênero. Elas são delineadas pelos diferentes lugares sociais e ideológicos de onde parte o discurso e pela relação de interlocução. Ressaltamos, ainda, que fatores como meio de circulação e a reação que o texto provoca no enunciatário são determinantes para a migração de um gênero para outro, como vimos ocorrer com os contos panfletários anarquistas que foram produzidos para circulação na imprensa proletária e hoje provocam encantamento aos leitores universitários que o reconhecem como contos literários.

5 Referências Bibliográficas

- ANDRADE, O. *A escada*. In: ____ *Os condenados*. 3ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- _____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- FAÏTA, D. A noção de gênero discursivo em Bakhtin: uma mudança de paradigma. In: BRAIT, B (org.) *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1997.
- GALVÃO, P. *Parque industrial*. 3ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, São Paulo: EDUFSCar, 1994.
- LIMA BARRETO, A H. *Triste fim de Policarpo Quaresma*. São Paulo: Ática, 1983.
- PRADO, A & HARDMAM, F. (orgs) *Contos Anarquistas: antologia da prosa libertária (1901-1935)*. São Paulo: ed. Brasiliense, 1985.
- SARGENTINI, V. M. *O Discurso e História: as vozes anarquistas na construção do trabalho brasileiro*. Araraquara - SP Tese de doutoramento. 1997.